

A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA

Prof. Dr. Pe. Manoel Augusto Santos¹

Todos já tivemos a experiência bastante constrangedora de falarmos com uma pessoa e ela não dar a mínima importância ao que dizemos. Ouvia, mas não prestava atenção. Será que sempre prestamos atenção, estamos interessados no que Deus nos comunica?

Qual a qualidade das respostas que damos na Missa depois das leituras? Será que o “graças a Deus” brota de um coração que se esforçou para compreender e assimilar o recado amoroso de Deus e agora agradece como tendo recebido uma parte do tesouro divino?

Devemos confiar na eficácia sagrada da Palavra de Deus. Ou não quero ter respostas de Deus? Há quem fuja da oração e da leitura da Palavra de Deus, não porque seja mais ou menos difícil encontrar uns minutos ao dia, para dedicar-se ao Senhor, senão porque não a valoriza ou porque sabe o que Ele vai dizer: vai pedir mudança para melhor. E, cá entre nós, nem sempre queremos melhorar diante de Deus. Em algumas coisas, em alguns lugares ou horas, parece, gostaríamos que Deus não existisse. Mas estamos nos dirigindo para a eternidade, e a Palavra de Deus é a melhor maneira de encontrar o rumo certo.

Se, quando participamos na comunhão, cuidamos, com razão, de que não caia a menor das suas partículas, por que não haveríamos de crer que seria um mal descuidar uma só palavra de Deus? E é para o nosso bem, para a nossa felicidade. Quando a escutamos, deveríamos aprofundá-la, acolhê-la com todo o coração. Não é conversa de eleva-

¹ Doutor em Teologia, pela Universidade de Navarra, Professor da FATEO – PUCRS.

dor. Devemos aprender a tirar da Escritura resposta para os nossos problemas. Ali encontramos paz, conselho, fortaleza, orientação.

Existem algumas desculpas possíveis para ouvirmos descuidadamente a Palavra de Deus. Uma delas é o leitor, que nem sempre será perfeito. Aliás, nunca. Deveríamos pensar que o leitor é o último elo da corrente que nos une a Deus pela sua Palavra. Afinal, Deus enviou a mensagem, o profeta ou apóstolo recebeu a mensagem e a transmitiu, o autor sagrado colocou por escrito a mensagem, o redator final, o copador do texto, o tradutor, a editora... O leitor é muito importante, pois faz a ligação imediata com a Palavra de Deus e conosco. Mas não podemos perder de vista que é Deus que nos fala através do leitor. Deus falando conosco e para nossa vida concreta.

Mas a verdade é que somos muito ágeis para esquivar-nos da Palavra de Deus: todas as razões parecem-nos boas. Por exemplo: o profeta Jeremias chamou à conversão o povo de Jerusalém e anunciava que a obstinação no mal conduziria à catástrofe. Foi criticado, acusado, preso. O povo não se converteu e Jerusalém foi arrasada. Jesus proclamava a vinda do Reino de Deus, falava como nunca alguém havia falado, fazia curas: o povo de Nazaré achou intolerável que o filho do carpinteiro demonstrasse tal sabedoria e tal poder.

Em todos esses casos, podemos observar a mesma tática, que nos é muito espontânea. Quando um discurso ou um modo de agir nos perturba, porque é uma condenação do nosso comportamento, em vez de refletir e de examinar qual mudança devemos fazer na nossa vida, buscamos nos proteger contra tal exigência de mudança e colocamos em questão o discurso ou a pessoa do profeta incômodo. É sempre possível criticar uma pregação: nenhum discurso é isento de defeitos.

É sempre possível criticar uma pessoa, porque ninguém agrada a todos, e as próprias qualidades de alguém podem tornar-se objeto de crítica. Jesus foi criticado em Nazaré, porque tinha muita sabedoria e muita capacidade de fazer o bem; sendo filho do carpinteiro, não deveria saber falar assim bem do Reino de Deus. Com essas críticas, o povo se dispensava de acolher a mensagem evangélica e podia continuar tranquilamente a viver segundo os próprios hábitos, sem dar-se o trabalho de corrigir-se. E assim se fechava à graça divina e à salvação.

Quantas vezes caímos também na mesma armadilha. Ouvimos uma pregação, e em vez de buscar que coisa Deus quer dizer-nos, que

proveito espiritual podemos tirar daí, observamos que a pronúncia do pregador não é perfeita, que a idéia expressada numa frase não é muito clara, que errou um pouco a gramática. Pensamos também que o pregador não é santo. E com todas essas considerações nos dispensamos de receber a mensagem. Em verdade nos privamos de todo proveito espiritual, fechamo-nos aos dons de Deus, justificamos a nossa inércia e fazemos crescer, sem nos darmos conta, os nossos defeitos: a soberba, a preguiça espiritual, o individualismo. E se falamos com os outros...

Se o pior cego é o que não quer ver, o pior surdo é o que não quer ouvir. Será que, às vezes, não somos surdos à Palavra de Deus, porque não queremos ouvir? Deveríamos aprender do jovem Samuel que dizia: fala, Senhor, que teu servo escuta.